

**Universidade de Brasília**  
**Departamento de Economia**  
**Disciplina: Economia do Trabalho**  
**Professor: Carlos Alberto**  
**Período: 209**  
**Segunda Prova**

### **Questões.**

1. No jornal **Folha de São Paulo**, do dia 3 de novembro, pode ser lido o seguinte editorial:

## **Editoriais**

[editoriais@uol.com.br](mailto:editoriais@uol.com.br)

### **Recuperação e incerteza**

PERMANECE indefinida a trajetória da economia americana, a despeito de os dados mais recentes relativos ao PIB terem revelado melhora em comparação ao cenário que prevalecia desde o início de 2008.

Após 12 meses de quedas consecutivas, a produção dos EUA cresceu 0,9% entre julho e setembro deste ano, diante do trimestre imediatamente anterior. O desempenho, que corresponde a alta anualizada de 3,5%, foi impulsionado pelo gasto do consumidor americano na compra de bens, serviços e imóveis.

Como o dado se refere a um período curto, não se pode ainda afirmar que o país deixou para trás aquela que foi uma das mais severas recessões de sua história. É significativo, sem dúvida, o fato de a recuperação ter-se dado a partir de uma base ampla. Melhoraram todos os itens da demanda - consumo das famílias, investimentos das empresas, gastos do governo e exportações. O calcanhar de Aquiles da economia dos EUA, contudo, repousa na fraca recuperação do emprego. É provável que os dados relativos ao desemprego no trimestre, prestes a serem divulgados, revelem piora, apesar do desempenho positivo da produção.

Essa incapacidade de criar postos de trabalho em velocidade suficiente para reduzir o desemprego ameaça, senão a própria continuidade da recuperação, pelo menos o seu ritmo.

Por sua vez, o déficit orçamentário recorde do governo americano nos 12 meses encerrados em setembro, sob o impacto dos monumentais pacotes de incentivo e resgate do setor financeiro, sinaliza que os estímulos públicos à expansão econômica caminham para o esgotamento.

Diante desse quadro, mesmo que a recuperação se sustente, seu ritmo tende a ser lento, baseado em taxas de crescimento historicamente baixas.

Avalie, de forma crítica, as seguintes frases: “O calcanhar de Aquiles da economia dos EUA, contudo, repousa na fraca recuperação do emprego. É provável que os dados relativos ao desemprego no trimestre, prestes a serem divulgados, revelem piora, apesar do desempenho positivo da produção. Essa incapacidade de criar postos de trabalho em velocidade suficiente para reduzir o desemprego ameaça, senão a própria continuidade da recuperação, pelo menos o seu ritmo”

(Esta questão vale dois pontos e as avaliações realizadas devem ter como fundamento algum marco teórico apresentado em aula)

Resposta: os comentários críticos podem ser diversos. Vamos apresentar alguns. A fraca recuperação do emprego pode ser devida a que a economia está em seus primeiros estágios de recuperação e, diante da incerteza da consolidação do crescimento e/ou de sua magnitude, as firmas ajustam horas trabalhadas e não emprego. Por outra parte, uma piora do desemprego não significa, necessariamente, que a recuperação do emprego esteja sendo fraca. O crescimento da demanda de trabalho para ter impacto sobre o desemprego primeiro tem que recuperar o estoque de desempregados herdado da crise e, paralelamente, absorver o crescimento da PEA. Ou seja, podemos estar diante de uma vigorosa retomada do emprego e ainda assim, o desemprego permanecer estável ou inclusive aumentar. Por último, podemos avaliar criticamente o fato de o Editorial supor que a velocidade da recuperação e mesmo sua continuidade depender do nível de emprego. Em nenhuma escola de pensamento o nível de demanda ou a oferta depende da recuperação do emprego no sentido dado no Editorial (esta está supondo que o nível de emprego dinamiza a demanda e, assim, turbinha a recuperação).

2. Imagine que estamos em um mundo no qual vigora o Modelo Clássico (preços totalmente flexíveis, dicotomia setor monetário/setor real, etc.). Nessas circunstâncias, responda se a seguinte frase é verdadeira ou falsa (não precisa justificar a resposta): “Uma vez que os salários reais são flexíveis, um aumento do gasto público possibilita elevar o nível de emprego”

(No caso da resposta ser correta a questão vale um ponto, não são considerados pontos em caso de não responder e no caso de uma resposta incorreta desconto um ponto)

Resposta: falsa. No Modelo Clássico (como o suposto de salários reais flexíveis) estamos sempre no pleno emprego. Um aumento do gasto público não pode elevar o emprego e tem como único corolário alterar a composição do produto (*crowding-out*).

3. No começo do Século XIX (mais especificamente, entre 1881 e 1813), trabalhadores ingleses no setor têxtil lutavam contra a introdução de novas tecnologias uma vez que supunham que os decorrentes aumentos de

produtividade comprometeriam seus postos de trabalho. Essa revolta foi liderada por Ned Ludd e, até hoje, recebem o nome de Luddista aqueles que supõem que a o desenvolvimento tecnológico afeta a geração de postos de trabalho. Esse raciocínio parte de uma função de demanda de trabalho que depende do nível de produto:  $L_d = b Y$ . Como  $b$  é o inverso da produtividade do trabalho, um aumento desta levaria, inexoravelmente, a uma queda no nível de emprego.

Situemo-nos, contrariamente, no Modelo Clássico. *Ceteris Paribus*, o que ocorre com o nível de emprego, salários reais, nível de produto, nível de preços e taxa de juros diante de uma elevação da produtividade do trabalho.

(Esta questão vale dois pontos e a resposta tem que estar justificada)

Resposta: o nível de emprego aumenta dado que a demanda de trabalho se desloca; os salários reais aumentam uma vez que a curva de oferta de trabalho, que não mudou, intercepta a curva de demanda em um nível de salários reais mais elevado; o nível de produto aumenta, uma vez que aumentou o nível de emprego e a sua produtividade é maior; os preços caíram, uma vez que, como a oferta de moeda não mudou, os preços têm que cair dado um maior nível de produto (lembramos que os preços são flexíveis por hipótese) e a taxa de juros cai (dado que um maior nível de renda gera um maior nível de poupança e a curva de demanda de investimentos não mudou).

4. Analise estes dois modelos:

	<b>Modelos</b>	
	<b>I</b>	<b>II</b>
Condições Técnicas de Produção:	$Q = A L^\eta$	$Q = A L^\eta$
	$0 \leq \eta \leq 1$	
Demanda de Trabalho:	$L_d = F(W/P)$	$L_d = F(Q)$
Oferta de Trabalho:	$L_s = G((W/P))$	$L_s = G((W/P))$
Equilíbrio No Mercado de Trabalho I:	$L_d = L_s$	$L_s \geq L_d$
Equilíbrio No Mercado de Trabalho II:	$Q_L = W/P$	$Q_L = W/P$

Os dois Modelos podem ser caracterizados de Clássicos? Os dois podem ser caracterizados de Keynesianos? Ou um é Clássico e outro Keynesiano?

(Esta questão vale dois pontos e a resposta deve estar justificada)

Resposta: O Modelo I é clássico (não tem desemprego é a demanda de trabalho depende do salário real) e o Modelo II pode ser caracterizado como keynesiano (pode existir um equilíbrio com desemprego,  $L_s \geq L_d$ , e a demanda de trabalho depende do nível de produto).

5. Suponha que temos uma economia cuja função de produção seja:

$$Q = 4 L K, \text{ sendo } K = 3 \text{ (o estoque de capital dessa economia).}$$

Sendo o nível de preços = 1, o mercado de trabalho funciona segundo as seguintes funções de oferta e demanda de mão-de-obra:

$$L_s = 3 (W/P) \text{ e } L_d = 60 - 2(W/P)$$

Funcionando “normalmente”, esse mercado de trabalho se situaria sobre um equilíbrio de pleno emprego, com 36 trabalhadores empregado a um salário real de 12, sendo gerada uma oferta de 432. Suponhamos, agora, que a central sindical desse país consegue estabelecer um salário mínimo nominal de 15 e a abertura da economia não permite que se produza uma elevação do nível de preços. Por outra parte, o governo decide, como política anti-inflacionária, manter a taxa de câmbio. Dado o aumento nominal do salário e a taxa de câmbio inalterada, os empresários pensam que vão perder mercados externos e a oferta total que poderão colocar nos mercados (seja externos ou internos) é de 240.

Nesse contexto, estabeleça o desemprego total dessa economia dividindo o mesmo em clássico e keynesiano.

(Esta questão vale três pontos)

Resposta: Ao novo salário ( $W=15$ ), a oferta de trabalho é de 45. A demanda de trabalho cai para 30 e, assim, o desemprego clássico é de 15. Contudo, com 30 trabalhadores a oferta das firmas seria de 360 e não tem mercado para isso. Ou seja, um típico problema keynesiano (excesso de oferta). Assim, as firmas têm que reduzir as contratações a fim de respeitar a restrição dada pela demanda (240). Para produzir 240 só se precisam 20 trabalhadores. Assim, o desemprego total é de 25, sendo 15 que correspondem ao desemprego clássico (45-30) e 10 ao desemprego keynesiano (30-20).